



contribuindo com o monitor e com a formação dos alunos, propiciando oportunidades integrativas e críticas relacionadas ao ensino, contribuindo com o docente na execução das atividades pedagógicas, tais como preparo de material didático, aulas práticas e plantões semanais para esclarecimento das dúvidas dos alunos e também, ofertando motivação aos discentes para associar o contexto cotidiano aos conteúdos da disciplina cursada.

Palavras-chave: Monitoria, Habilidades, Citologia.

Referências

FRISON, L.M.B.; MORAES, M.A.C. As práticas de monitoria como possibilitadoras dos processos de autorregulação das aprendizagens discentes. **Poiesis Pedagógica**. Goiás, v.8, n.2, 2010; p.144-158.

NATÁRIO, E.G.; SANTOS, A.A.A. Programa de monitores para o ensino superior. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.27, n.3, 2010, p.355-364.

EIXO TEMÁTICO 02 – LINGUAGENS E CÓDIGOS - TRABALHOS COMPLETOS

RELEVÂNCIA DA PRODUÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS NA FORMAÇÃO DO DISCENTE

Sizanete da Silva Santos 1 (UFCEG)
sizanete001@hotmail.com

Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande
bolsista do Programa de Monitoria – campus de Cajazeiras-PB

Rose Maria Leite de Oliveira 2 (UFCEG)
roseleite@ufcg.edu.br

Docente da Unidade Acadêmica de Letras (UAL), Campus de Cajazeiras.
Orientadora de Monitoria da
disciplina Organização e Prática da Pesquisa Científica.



Resumo

Este trabalho consiste num estudo acerca da relevância da produção textual na universidade a partir dos gêneros textuais acadêmicos comumente trabalhados no ensino superior. Partimos das seguintes questões: se um aluno iniciante geralmente desconhece os gêneros específicos da academia, que dificuldades ele sentirá ao se deparar com os mesmos? Como superar a situação e aumentar as possibilidades de se tornar um pesquisador e não apenas um repetidor de ideias ou um sujeito passivo? Pretendemos, dessa forma, descrever a importância da produção de gêneros textuais na universidade. Para isso, buscamos compreender as principais dificuldades dos discentes que ingressam no ensino superior, considerando a prática no projeto de monitoria e classificar os gêneros textuais mais utilizados na academia. Utilizamos como aporte teórico os estudos de Marcuschi (2008), procurando compreender a noção de gêneros textuais, para que possamos inferir sua importância no ensino, nesse caso, o superior. Para entender como se dá a produção textual na universidade e quais os gêneros mais trabalhados, adotamos as ideias de Motta-Roth & Hendges (2010). Do ponto de vista teórico-metodológico, esta pesquisa é qualitativa e de cunho bibliográfico. Com essa investigação, constatamos que os alunos iniciantes na graduação apresentam um nível considerável de dificuldade quanto à redação de gêneros textuais, isso porque vêm desde o ensino básico com um déficit de leitura e escrita, sem falar no desconhecimento dos gêneros utilizados na universidade. Percebemos que, para melhor produzir, é preciso que o discente não só organize sua rotina de estudos, mas ainda fique atento à importância de tornar sua produção pública, para que outros tenham acesso à sua pesquisa, pois o universitário é, acima de tudo, um pesquisador. Concluímos, então, que a produção textual de gêneros acadêmicos é importante não só para o desenvolvimento intelectual do aluno, mas ainda para a formação de um sujeito pesquisador.

Palavras-chave: Gêneros textuais; Produção textual; Universidade.

Introdução

Ao entrar na universidade, o aluno se depara com diferentes gêneros textuais, seja resumos, resenhas, fichamentos etc., que são considerados mais simples quando comparados com artigos, projetos de pesquisa e até mesmo a monografia, de caráter complexo, produzidos quando o estudante já tem um nível de maturidade acadêmica definido. No entanto, chegar a tal nível não acontece de forma pacífica, pois o discente enfrenta algumas dificuldades na produção desses textos, tanto por não ter tido contato com os mesmos anteriormente, quanto pela novidade que é ingressar no ensino superior.



Muitos dos que chegam à universidade sentem o quanto é difícil se adaptar ao seu nível; não é de uma hora para outra que eles se acostumam. É preciso que haja uma mudança no ritmo de estudo e na forma de pensar, não sendo apenas um repetidor de idéias, mas um sujeito crítico diante dos fatos, além de aprender a lidar com os novos gêneros e como produzi-los para divulgar conhecimentos.

Neste contexto, para realização desta pesquisa, levamos em consideração a experiência tida no projeto de monitoria, no curso de Letras, em uma disciplina ofertada durante o segundo período acadêmico. Essa disciplina recebe o nome de Organização e Prática da Pesquisa Científica e tem como principais objetivos refletir o papel da universidade na formação de um sujeito pesquisador e discutir os principais métodos e técnicas aplicáveis numa pesquisa.

Neste trabalho, pretendemos descrever a importância da produção de gêneros textuais na universidade, como forma não só de pesquisa, mas de comunicação no ambiente acadêmico. Para isso, buscamos compreender as principais dificuldades dos discentes que ingressam no ensino superior e classificar os gêneros textuais comumente utilizados na prática acadêmica.

São muitas as abordagens acerca dos gêneros, mas, como nosso foco aqui é a reflexão a partir dos gêneros textuais, nos limitamos a trabalhar com alguns teóricos desse campo, especialmente Marcuschi, que cita diversas vezes Bakhtin, estudioso dos gêneros discursivos, sob uma perspectiva sócio-histórica e dialógica, o qual representa um ponto de grande influência no que é concernente aos gêneros. Vamos aqui apenas explicitar as características defendidas por Bakhtin (2011) no que diz respeito à noção de gêneros, para compreensão dos subsídios teóricos desse autor.

Tomando como base os estudos de Marcuschi (2008), buscamos primeiramente compreender a noção de gêneros textuais, para que possamos inferir sua importância no ensino, nesse caso, o superior. Para compreensão de como se dá a produção textual na universidade e quais os gêneros mais trabalhados, adotamos as ideias de Motta-Roth & Hendges (2010). Do ponto de vista teórico-metodológico, esta é uma pesquisa qualitativa, de cunho bibliográfico.

Referencial Teórico



No Brasil, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), por volta dos anos 90, a proposta do trabalho com gêneros em sala de aula se tornou uma ferramenta recomendada para as atividades de leitura e produção, incluindo não só a prática da escrita, como também da oralidade. A partir disso, as instituições de ensino passariam a trabalhar não mais com elementos gramaticais isolados, mas com a inserção de textos de diferentes gêneros, orais e escritos, de forma a evidenciar os aspectos sociais, políticos e culturais pertencentes à linguagem humana.

Mikhail Bakhtin, em sua obra *Estética da criação verbal* (2011), estuda os gêneros do discurso, fazendo menção à grande quantidade de gêneros existentes e sua diversidade, sem os quais “a comunicação discursiva seria quase impossível”. Segundo Bakhtin, tudo o que se faz acontece por meio dos gêneros, nos quais se pode perceber a “intenção discursiva” do falante e suas ideologias, determinando todo o enunciado. Ele define gêneros como “tipos relativamente estáveis de enunciados”, que têm como características gerais o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional.

O primeiro ponto refere-se ao que pode ser dito através do gênero. O segundo está ligado ao modo como o sujeito falante escolhe os elementos linguísticos aos quais quer se remeter e a terceira característica é definida de acordo com a estrutura do texto. Esses enunciados estão vinculados a situações da comunicação social, tendo como marca fundamental a interação verbal.

Marcuschi (2008) afirma que o estudo dos gêneros textuais não é recente, pois desde a Grécia Antiga o conceito de “gênero” já era discutido, sobretudo no campo dos estudos literários, com os filósofos. Hoje, a noção de gênero não está ligada somente à literatura, mas contempla as diversas áreas dos saberes, sendo constituída como categoria do discurso, oral ou escrito. Atualmente, existem várias abordagens sobre gêneros. O próprio Marcuschi atenta para essa diversidade quanto ao tratamento dos gêneros textuais:

Ao lado dessas perspectivas em curso no Brasil, podemos, de um modo mais amplo, indicar algumas perspectivas teóricas em curso internacionalmente: (a) Perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); (b) Perspectiva comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter); (c) Perspectiva sistêmico-funcional (Halliday): análise da relação texto e contexto, estrutura esquemática do texto em estágios, relação situacional e cultural e gênero como realização do



registro (Hasan, Martin, Eggins, Ventola, Hoey, Dudley-Evans); (d) Perspectiva sociorretórica de caráter etnográfico voltada para o ensino de segunda língua (Swales, Bhatia): basicamente, analisam e identificam estágios [movimentos e passos] na estrutura do gênero. Persiste um caráter prescritivo nessa posição teórica. [...] Vinculação particular com gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. [...]; (e) Perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly): com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky) estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. [...]; (f) Perspectiva da análise crítica (N. Fairclough; G. Kress), para a qual o discurso é uma prática social e o gênero é uma maneira socialmente ratificada de usar a língua com um tipo particular de atividade social; (g) Perspectiva sociorretórica/sócio-histórica e cultural (C. Miller, Bazerman, Freedman): escola americana influenciada por Bakhtin, mas em especial pelos antropólogos, sociólogos e etnógrafos, preocupa-se com a organização social e as relações de poder que os gêneros encapsulam [...]. (MARCUSCHI, op. cit., p. 152-153).

Marcuschi (op. cit.) define gêneros textuais como “os textos materializados em situações comunicativas recorrentes” e acrescenta que eles fazem parte da vida diária e em esferas da atividade humana, as quais recebem o nome de “domínios discursivos” (p.155). A universidade é um domínio discursivo, pois possui gêneros próprios e com características específicas, assim como afirma o autor:

Domínio discursivo [...] não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relações de poder. (MARCUSCHI, op. cit., p. 154).

Ao ingressar no ensino superior, o aluno se depara com diferentes formas de produzir textos, que são específicas da cultura acadêmica. Segundo Motta-Roth & Hendges (2010), os gêneros comumente produzidos são o artigo, o abstract (resumo) e a resenha, além de outros que também são importantes: artigo, monografia, etc. Para as autoras, a tarefa de redigir na universidade apresenta objetivos diferentes em cada produção, pois, como afirma Marcuschi (op. cit.), os gêneros textuais apresentam seus padrões e funções próprios.

Oliveira (2010) salienta que, apesar de os alunos, durante os anos



escolares, serem apresentados a alguns gêneros, geralmente produzem apenas a redação, como forma preparatória para vestibulares. Essa forma de apresentar determinado gênero apenas como treinamento aumenta as possibilidades de deficiência na escrita, já que acabam tomando o texto sobretudo pela forma e isso não deve acontecer, pois, como já mencionado, os gêneros textuais têm funções e objetivos próprios. Se os discentes entrarem em contato com outros gêneros de maneira que sejam trabalhados adequadamente (e não superficialmente) desde os níveis fundamental e médio, certamente quando entrarem no ensino superior não sentirão tantas dificuldades na hora de produzir um, mesmo que seja diferente.

Como sugestão de gêneros que podem ser trabalhados na escola a fim de que os alunos possam aprender a redigi-los e com eles se familiarizar, já que são importantes em disciplinas estudadas na universidade e em muitas áreas profissionais, Oliveira (op. cit.) propõe cinco gêneros textuais: relatório, resumo, questionário, currículo e carta de apresentação. Ele adverte que estes sejam abordados não de forma superficial, mas com uma perspectiva pedagógica e mesmo interdisciplinar, para que não se torne um mero treinamento ou máscara (a escola mostrar que está trabalhando com gêneros, mas não o faz adequadamente).

É preciso que o aluno que ingressa no ensino superior tenha domínio dos gêneros textuais nele produzidos. Entretanto, nem sempre quem chega à universidade tem conhecimento dos textos que irá produzir durante sua carreira acadêmica. E isso acaba gerando algumas dificuldades, que podem ser percebidas no momento em que se sugere a produção de uma resenha ou um fichamento, por exemplo.

A primeira dificuldade enfrentada pelos discentes é justamente a adaptação ao ritmo de estudos requerido no ensino superior. É necessário haver organização e uma postura crítica diante do que se ouve, lê e escreve. Outra dificuldade é a produção textual de determinados gêneros acadêmicos. O aluno iniciante precisa conhecer os diferentes gêneros e suas características próprias para dominá-los. Para elaborar qualquer gênero textual, é importante que o aluno tenha conhecimentos prévios acerca do mesmo, pois é muito difícil produzir um fichamento sem ter idéia do que ele se trata, por exemplo. Daí a relevância de uma disciplina específica à produção desses gêneros na universidade, pois possibilita ao discente conhecer gêneros que são trabalhados



durante toda a rotina acadêmica.

Quando essa disciplina é bem aplicada, os discentes passam a compreender a importância de se produzir gêneros textuais, percebem a necessidade de se manter uma rotina de estudos e de ter compromisso com aquilo que lê e escreve. Mas isso não é o bastante, pois, no decorrer dos períodos do curso, muitos ainda apresentam essas dificuldades de escrita, pois carregam um déficit de leitura e alguns ainda se mantêm dependentes dos professores. Não é raro um aluno chegar na metade do curso sem saber escrever um artigo, ou mesmo uma resenha, não por culpa de quem trabalha a disciplina no início do período letivo, mas pela deficiência já apresentada desde o nível básico.

Para Severino (2007), é preciso que haja uma mudança significativa no modo como professores e alunos conduzem os processos de ensino e de aprendizagem, pois devem não só assumir as condições exigidas nessa modalidade, mas praticá-las. Segundo esse autor, a universidade busca atingir três importantes objetivos: formar profissionais nas diferentes áreas, formar um cientista e formar um cidadão, por meio da tomada de consciência quanto aos problemas e causas sociais. De acordo com o autor, para chegar a esses propósitos, o ensino superior desenvolve algumas atividades: ensino, pesquisa e extensão. Elas possibilitam ao formando bases teóricas sobre determinado objeto de estudo e dá a oportunidade de ser um sujeito ativo em pesquisas, contribuindo, dessa forma, com o ambiente social.

A produção de gêneros na universidade é uma forma de pesquisa, pois para a elaboração de um resumo, fichamento ou artigo, é preciso que o discente compreenda textos de outros autores e tire também suas conclusões. De acordo com Motta-Roth & Hendges (2010), a escolha do referencial teórico a ser utilizado pelo aluno no momento da redação de um texto é certamente o passo mais importante a ser dado, pois pode definir a qualidade daquilo que é produzido. Além disso, as autoras acrescentam que:

É importante ler com cuidado os artigos e livros que escolhemos como referência teórica do nosso trabalho. A qualidade dessa leitura está nas anotações e no resumo de trechos que, mais tarde, poderão ser usados como base para nosso próprio artigo, abstract ou resenha. (MOTTA-ROTH & HENDGES, op cit. p. 15, grifo do autor).

Para as autoras, é importante observar esses pontos porque no ensino superior os alunos não apenas podem produzir textos de caráter científico, mas podem torná-



los públicos para que outros tenham acesso às suas pesquisas. Por isso, os discentes devem atentar para a qualidade de suas referências teóricas e de suas produções. Essa questão da publicação é tão relevante para as autoras acima citadas que o título do primeiro capítulo da obra é “Publique ou pereça”, constatando que o aluno precisa ter consciência do quanto é importante produzir, e fazê-lo com responsabilidade. Elas ainda afirmam que, para redigir textos acadêmicos com eficácia, é preciso conhecer claramente quais são os gêneros e como eles são utilizados no contexto universitário.

De acordo com Costa (et al, 2002), as dificuldades quanto à produção acadêmica partem do pressuposto de que muitos estudantes não sistematizam sua prática de estudo.

Como epígrafe do capítulo, as autoras apresentam uma citação de Salomon (1994): “[...] a arte de estudar começa com a forma em que organizamos a nossa vida. [...] o que importa não é o quanto estudas, mas como estudas” (SALOMON, 1994 apud COSTA, et al, 2002, p. 11). Isso exemplifica o que pretendem mostrar acerca dessa sistematização. Para elas, a produção universitária envolve não só o ato de ler, pois de nada adianta fazer as leituras necessárias, se elas são superficiais, de modo que não proporcionem compreensão do conteúdo em estudo. Diante disso, as autoras propõem algumas orientações aos alunos do curso de Pedagogia, a que a obra é dedicada, instruções essas que podem ajudar na organização da rotina acadêmica. Entre elas estão a forma de organizar o material necessário, o aproveitamento das aulas e das leituras realizadas.

Com isso, verificamos o quanto a produção textual envolve a pesquisa e o diálogo entre teorias de algum campo de estudo, permitindo que o aluno seja um sujeito responsável e ativo na sociedade, já que dominar um gênero textual não é dominar apenas uma forma linguística, mas uma maneira de “realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares” (MARCUSCHI, op. cit., p.154).

Percebemos, então, que quanto mais se produz um gênero de forma responsável, melhor será para o aluno do ensino superior a compreensão da importância de sua formação como um pesquisador e como um cidadão que atua socialmente, de forma que possa trazer benefícios a partir de sua intervenção, pois, como sabemos, é possível não só produzir pesquisas importantes, mas também publicá-las para que



outros possam ter acesso às mesmas.

Metodologia

Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir da leitura introdutória das principais abordagens aqui adotadas: a noção de gêneros textuais e a produção textual na universidade. Para a compreensão do que vem a ser gênero textual, tomamos os estudos de Marcuschi (2008) como ponto de partida. Foram utilizadas as reflexões de Motta-Roth & Hendges (2010), para a compreensão de como se dá a produção de gêneros textuais acadêmicos e o porquê de serem trabalhados no ensino superior, bem como os principais textos utilizados nessa modalidade de ensino.

Diante dessa base teórica, fizemos algumas reflexões envolvendo nossa experiência no projeto de monitoria na disciplina Organização e Prática da Pesquisa Científica, a partir da observação em sala de aula de como os alunos iniciantes na academia se comportam quando começam a lidar com a produção de gêneros textuais e as principais dificuldades que eles apresentam ao lidar com esses textos.

Resultados

Com base nas referências utilizadas acerca da noção de gêneros textuais e da produção deles no contexto da universidade, além de nossa experiência em sala de aula a partir da monitoria, constatamos que os alunos iniciantes na graduação apresentam um nível considerável de dificuldade quanto à redação de gêneros textuais acadêmicos, isso porque vêm desde o ensino básico com um déficit de leitura e escrita, sem falar no desconhecimento dos gêneros comumente utilizados na universidade.

Salientamos o quanto a disciplina Organização e Prática da Pesquisa Científica são importantes para que o aluno compreenda quais são os textos que ele pode produzir e como se dá tal tarefa. Além disso, percebemos que a produção de gêneros textuais acadêmicos é relevante não só para o enriquecimento intelectual do discente, como também para sua formação acadêmica, já que eles são instrumentos que atuam



socialmente.

A utilidade deste estudo consiste primeiro em compreender as principais dificuldades enfrentadas por alunos iniciantes no ensino superior e, em segundo lugar, entender a importância de se trabalhar com gêneros textuais, já que eles são comumente produzidos durante a carreira acadêmica. E não só isso, mas ainda compreender que eles podem ser úteis na formação do discente, pois fornecem possibilidades de tornar o aluno um sujeito pesquisador.

Conclusões

A questão da produção de gêneros textuais na universidade foi um ponto importante para o desenvolvimento deste trabalho, pois percebemos que os alunos ainda apresentam algumas dificuldades quanto à elaboração de textos específicos do contexto acadêmico, tanto pela novidade que é ingressar no ensino superior, quanto pelo déficit vindo desde o ensino básico.

Essas dificuldades podem ser superadas a partir do momento em que o aluno iniciante compreende que gêneros textuais ele irá produzir durante sua rotina acadêmica e qual a importância deles para sua formação enquanto pesquisador. E uma das disciplinas responsáveis por cumprir tal tarefa é a que recebe o nome de Organização e Prática da Pesquisa Científica ou disciplinas relacionadas à Metodologia da Pesquisa Científica, aplicadas logo no início do curso, para que esses discentes tenham a possibilidade de entrar em contato com os gêneros textuais acadêmicos desde cedo, pois é com a prática que se aprende melhor.

Dessa forma, produzir gêneros textuais acadêmicos possibilita ao aluno a oportunidade de ser não só um pesquisador, como também um sujeito que contribui com suas pesquisas no meio social em que vive, bem como alguém que aprende a fazer pesquisa de forma responsável.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. Gêneros do discurso. In:_____. Estética da criação



verbal. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

COSTA, A. R. F. (et al). Como estudar. In: _____. Orientações metodológicas para produção de trabalhos acadêmicos. Maceió: EDUFAL, 2002. p. 11-20.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 146-225.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A., (org.). Gêneros textuais & ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. Produção textual na universidade. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. O ensino pragmático da escrita. In: _____. Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 109-170.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Universidade, ciência e formação acadêmica. In: _____. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007. p. 21-36.

O SINTAGMA NOMINAL E SUAS FUNÇÕES SINTÁTICAS

Ana Célia Nunes de Lima
Maria Nazareth de Lima Arrais

Resumo

A sintaxe é uma teoria linguística que estuda as relações entre os termos de uma sentença das línguas naturais. O objetivo primeiro dessa teoria é manter a inteligibilidade da língua. Nesta sintonia, o presente trabalho tem como objetivo apresentar as funções sintáticas exercidas pelo sintagma nominal dentro da sintaxe descritiva. Partimos do pressuposto de que o sintagma nominal é um construtor de sentido, cuja estrutura sintática requer organização para formação de um sentido. E isso é possível através da composição de seus